

2009

land

Art

Cascais

Alberto CARNEIRO - Hamish FULTON - Susana NEVES

land Art Cascais

Agradecimentos

A Câmara Municipal de Cascais e a Fundação D. Luís I agradecem às seguintes pessoas e organizações todo o apoio concedido a esta exposição.

António Franco Dominguez
Alberto Carneiro
Hamish Fulton
Susana Neves
Fundación Ortega Muñoz
MEIAC

Trazer a Cascais, para serem apresentadas no Parque Marechal Carmona, um espaço público tão caro aos nossos munícipes e visitantes, as obras de três artistas que, não obstante serem tão diferentes nas suas experiências de vida e formas de expressão, se aproximam, pelo conjunto de preocupações que subjaz às suas práticas, é um acontecimento único que me apraz registar.

De facto, tanto Alberto Carneiro e Susana Neves, que aqui representam as artes plásticas nacionais, como Hamish Fulton, que se destaca entre os artistas estrangeiros que têm realizado incursões no âmbito da chamada *Land Art*, são nomes suficientemente conhecidos para atraírem a atenção não só dos mais directamente interessados neste género específico de intervenção, como do público em geral.

Das fotografias de Susana Neves, obtidas no Parque Natural Sintra-Cascais, às esculturas «vivas» de Alberto Carneiro e aos sugestivos registos (foto)gráficos dos «itinerários ibéricos» de Hamish Fulton, a exposição dá conta das inúmeras e, às vezes, inesperadas abordagens proporcionadas por um tipo de manifestação artística que pretende promover, através de formas esteticamente elaboradas, uma relação solidária entre Homem e Natureza.

Concluo reiterando a minha satisfação por podermos fazer de Cascais, com a inestimável colaboração da Fundación Ortega Muñoz e do Museo Extremeño e Ibero-Americano de Arte Contemporáneo (MEIAC), a montra privilegiada de trabalhos tão relevantes, possibilitando deste modo a todos aqueles que visitem o Parque Marechal Carmona o contacto com concepções estéticas inovadoras e em sintonia com uma perspectiva de salvaguarda dos valores ambientais.

António d'Orey Capucho
Presidente da Câmara Municipal de Cascais
e da Fundação D. Luís I

A Exposição Internacional LandArt Cascais, cuja primeira edição na modalidade de concurso aberto terá lugar em 2010, enquanto complemento indispensável de ArteMar Estoril, realizada no Outono passado no magnífico espaço público do Paredão com enorme êxito, permitirá também, como na altura tivemos a oportunidade de assinalar, inculir nos cascalenses, em particular, e nos visitantes, em geral, «o valor crucial do desenvolvimento sustentável».

Quando artistas da craveira de Alberto Carneiro e Hamish Fulton, cujas obras possuem um mérito estético reconhecido em todo o mundo, e de Susana Neves, que embora jovem possui um currículo muito significativo, exibem há já muito tempo uma consciência «ambientalista» tão elevada na sua produção, sentimos que estamos no caminho certo ao desenvolver políticas integradas, como temos vindo a fazer, que tenham por objectivo manter a cadência inelutável do Progresso no respeito pela Natureza, que tão pródiga é no nosso Município.

Recuperamos ainda, nesta circunstância, uma ideia que expressámos a propósito de ArteMar Estoril, a de que «ao proteger o meio ambiente estaremos, do mesmo passo, a zelar pela qualidade de vida de todos e pela democratização da cultura, já que abrimos a arte», na multiplicidade das suas manifestações, «a todas as gerações e estratos sociais».

Carlos Carreiras
Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais
e Presidente da Agência Cascais Natura

Nota introdutória

Nos dias de hoje, o artista sabe que não trabalha sozinho. Quando pensa a sua obra, antevê a exposição da mesma e a recepção que terá junto do seu público. Estes três dados – obra, lugar, público – acabam por se imbricar indissociavelmente e formar um todo indivisível: não existe arte sem a sua recepção, e não existe obra que não leve em conta o lugar onde se revelará pela primeira vez.

Esta é a base da moderna instalação; podemos ainda acrescentar que esta disciplina, que se autonomizou há menos de vinte anos, tem as suas origens próximas na década de 60 do século XX, em trabalhos de artistas que, por exemplo, consideravam o espaço da natureza como a matéria-prima do seu trabalho. Richard Long, Hamish Fulton e, em Portugal, Alberto Carneiro realizaram intervenções e acções na paisagem (da Grã-Bretanha, no caso dos dois primeiros, das serras do norte e centro português, no último) que permitiam imprimir a marca autoral do artista nesses lugares e, ao mesmo tempo, fundar a obra artística numa relação idealizada entre o homem e a natureza a que o bulício do meio artístico, sempre urbano e mundano, se opõe. Hamish Fulton disse em tempos que fazer arte deveria ser tão simples como o acto de varrer o chão...

São estes dois artistas, a que se junta a fotógrafa Susana Neves, os escolhidos para a exposição de apresentação de uma nova iniciativa em Cascais: o prémio Land Art Cascais, uma organização da Agência Cascais Natura e da Câmara Municipal de Cascais, com supervisão artística da Fundação D. Luís I. Em futuras edições, este prémio estará sujeito a concurso. Por agora, pretendeu-se estabelecer um parâmetro de exigência qualitativa, reunindo na mesma exposição estes três criadores que comparecem com obras exemplares.

De Hamish Fulton escolheram-se, em colaboração com o MEIAC – Museo Extremeño e Ibero-Americano de Arte Contemporáneo, as fotografias que documentam os 'Itinerários Ibéricos', durante os quais o artista percorreu a pé a Península Ibérica, passando por Portugal. Na altura, como sempre sucede nestas caminhadas que são documentadas através da fotografia e do texto, o acto de caminhar, de percorrer o espaço é visto não apenas como apropriação da paisagem, mas também como processo de auto-conhecimento. Em arte, como provavelmente em outros domínios, não há trabalho sobre o espaço sem que haja também trabalho sobre o corpo que se move e vive nesse espaço.

Alberto Carneiro, por seu lado, criou uma escultura específica para este lugar. Feita com árvores escolhidas e plantadas propositadamente, joga com os reflexos de superfícies espelhadas que englobam também a imagem do espectador na própria escultura. E são também esculturas-vivas, já que a oliveira, a alfarrobeira, o limoeiro, o carvalho e o loureiro crescerão com o passar do tempo. A ligação entre a escultura e a terra, fonte primordial de vida, que já estava tão presente nos primeiros trabalhos deste escultor, encontra-se assim preservada.

Susana Neves, por fim, apresenta uma série de fotografias de espécies vegetais do Parque Natural Sintra-Cascais. Trata-se de um conjunto de imagens de qualidade notável onde a relação entre a luz e a natureza é privilegiada. Em certa medida, são estas imagens que estabelecem a ligação entre os itinerários de Fulton e as esculturas de Carneiro. Como as obras destes artistas, trazem também para o espaço da exposição a memória da imagem irrepetível que as originou. E, se é certo que a oposição natureza/ cultura (ou natureza/arte, se se preferir) é fundadora da nossa civilização, também não é menos certo que a preocupação com a preservação desse património único é uma das constantes do mundo em que vivemos. A arte, cujos códigos são partilhados pela sociedade que a gera, tem inevitavelmente que reflectir essa preocupação. De preferência com uma notável riqueza de sentidos, como acontece com os trabalhos dos três artistas que abrem o Prémio Land Art Cascais.

Luísa Soares de Oliveira

CARNEIRO, Alberto

Alberto Carneiro nasceu no Coronado, um vale de prados e bosques, entre Douro e Minho, com uma actividade agrícola dominante. As coisas da terra foram os seus brinquedos de criança e essas vivências serão fulcrais para as suas criações plásticas futuras.

Aos dez anos de idade entrou para uma oficina de santeiro onde trabalhou até aos vinte e um anos. Ali praticou um ofício e viveu uma relação osmótica com as matérias da árvore e da montanha, aprendendo a transformá-las de dentro para fora.

"A minha formação, as minhas convicções estão ligadas a todo o mundo da minha infância, no qual, pela imposição de condições peculiares, pobres e libertadoras da criatividade, tive que inventar quase tudo de que precisava ao nível da minha aprendizagem natural, a partir dos materiais da terra, construir o mundo nela, compreendê-la ludicamente por dentro e estruturar, assim, um esquema corporal que foi sendo, cada vez mais, a imagem das coisas da natureza, transformadoras da minha semelhança. Foi ainda determinante desses vínculos a minha aprendizagem na oficina de santeiro; dez anos de contacto directo com a matéria da árvore ou da montanha, que me permitiu um entendimento dos meios tecnológicos, pela osmose da pele, para um domínio natural dos materiais e a partir do qual eu pude chegar a formular a consciência de que tudo isso se agrega no meu trabalho como necessidade de comunicação estética, trânsito dialéctico entre mim e o mundo: arte." *

Depois fez estudos de escultura na Escola de Belas Artes do Porto e na Saint Martin's School of Art de Londres onde foram seus professores Anthony Caro e Phillip King.

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian no Porto e em Londres.

Dedicou-se ao ensino, no Círculo de Artes Plásticas da Universidade de Coimbra, na Escola de Belas Artes do Porto e na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Sobre as matérias do seu ensino publicou textos e um livro.

Dedicou-se ao estudo da Psicologia Profunda, do Zen, do Tantra e do Tao para aprofundar as razões e os sentidos do seu corpo e da sua mente na criação da sua obra. Sobre estas matérias deu cursos e fez conferências e palestras e publicou textos e um livro em co-autoria. Expõe a sua obra desde 1963. Realizou setenta e oito exposições individuais em Portugal e no estrangeiro. Participou em mais de cem exposições colectivas no ocidente e no oriente. Recebeu vários prémios e condecorações.

O seu encontro, em 1965, com os livros de Gaston Bachelard sobre a poética da matéria foi fundamental para a consciência teórica sobre os seus processos de criação.

A sua primeira exposição individual, na Escola de Belas Artes do Porto, em 1967, com esculturas e desenhos realizados entre 1963 e 1967, foi motivo e objecto de uma reflexão profunda sobre os desenvolvimentos da sua obra. A partir deste momento começa um processo de auto reflexão sobre os arquétipos da sua realização artística. Toma consciência da sua relação formadora com as coisas da terra, iniciada na primeira infância e reconhece a sua identidade estética na fusão do corpo com a natureza.

"A matéria e a minha vida com ela na formulação do meu próprio ser. A natureza sonha nos meus olhos desde a infância. Quantas vezes adormeci entre as ervas? A minha primeira casa foi em cima da cerejeira que hoje é uma escultura. Entre o meu corpo e a terra houve sempre uma identidade profunda. A floresta ou a montanha que eu trabalho num tronco de árvore ou num bloco de pedra fazem parte integrante do meu ser. O meu trabalho é uma apropriação totalizadora da matéria recriada a dois níveis: o da posse bruta através do furor existencial dos sentidos e o da posse mental pela necessidade de me reencontrar nas raízes de mim mesmo. Se a minha mão agarra um pedaço de terra, revejo nela a imensidade de mim: a ancestralidade e a futuridade." *

Em 1968 é-lhe atribuído o Prémio Nacional de Escultura.

A 12 de Dezembro de 1968, em Londres, teve uma anamnese intensa sobre uma vivência estética com a natureza, no vale de Coronado, quando criança, e criou *O Canavial: memória-metamorfose de um corpo ausente*. A partir deste momento estrutura a sua obra nas vivências do corpo com as matérias da terra, num aprofundamento das suas reminiscências estéticas com as coisas da natureza. Começa a trabalhar nos projectos que constituem *O caderno preto* e nas ideias expressas em "As notas para um manifesto de uma arte ecológica" publicados em 1971. Nas obras deste período, utiliza situações espaciais e materiais naturais articulados de modo a suscitar a percepção estética através de todos os sentidos do corpo. Algumas das suas obras são penetráveis, tornando-se o espectador também parte da obra.

"A arte ecológica será um regresso à origem das nossas próprias fontes; a reabilitação das coisas mais simples no significado da comunicação estética; não através dum processo de ordem cultural, na aquisição de valores de carácter transitório, mas pela consciência das essencialidades, pela penetração no âmago dos átomos, pela chamada aos contactos com aquele mundo que se define em nós sem os constrangimentos da complexidade social: a relação consciente dos significantes na ordenação duma crítica profunda sobre os significados que virão, depois, como autenticidade de relações com o mundo.

A natureza recriada à nossa imagem e semelhança: nós dentro dela e ela polarizadora dos nossos sentimentos estéticos.

Uma nuvem, uma árvore, uma flor, um punhado de terra situam-se no mesmo plano estético em que nos movemos, são parte integrante do nosso mundo, são um manancial de sensações vindas de todos os tempos, através duma memória que tem a idade do homem. Não a pedra pelo seu lado externo, pela conversão dos seus valores formais, mas pelas qualidades do seu íntimo, pelo cosmos que está nela e o qual nos é dado possuir na simplicidade em que a coisa vive." *

Em 1968-69 realiza *As três extensões da natureza*, nas quais utiliza pela primeira vez a fotografia e materiais naturais.

Em 1969 participa na Bienal de Paris, realiza *Os quatro elementos* e cria as *Distâncias para andar e meditar* e *O laranjal – natureza envolvente*.

Entre 1969 e 1971 trabalha sobre *Um deserto entre dois oásis* e *Uma linha para os teus sentimentos estéticos*.

Em 1970 cria *Uma floresta para os teus sonhos*, que mostra na Galeria Buchholz, Lisboa, e concebe *Situação para uma totalidade do sensorial*.

Em 1972 visita Moçambique e Angola.

Entre 1971 e 1975 trabalha sobre um conjunto de obras que têm como objecto a natureza nas quais releva os processos de relação estética recíproca da obra com o espectador, das quais se referem as *Operações estéticas em Vilar do Paraíso* e *Caldas de Aregos, Esculturas rurais, Árvore escultura viva, 7 esculturas naturais e 21 janelas sobre a paisagem*. Estes trabalhos têm uma feição marcadamente conceptual e processual.

Ernesto de Sousa publica na revista Colóquio Artes o ensaio "A arte ecológica e a reserva lírica de Alberto Carneiro". Fevereiro de 1974.

Entre 1973 e 1976 trabalha sobre *Um campo depois da colheita para deleite estético do nosso corpo*, que mostra na retrospectiva da sua obra no Museu de Soares dos Reis do Porto. Este trabalho representará o artista na Bienal de São Paulo de 1977.

Participa na Bienal de Veneza de 1976 com *Operação estética em Caldas de Aregos* e *Os sete rituais estéticos sobre um feixe de vimes na paisagem*, obra onde se procuram as valências estéticas dos elementos e das matérias que constituem a essência artística. Faz a primeira viagem a Itália onde voltará muitas vezes.

Entre 1975 e 1976 faz investigação sobre as formas e procedimentos estéticos resultantes do amanho da terra no meio rural, percorrendo grande parte do território português. Desta investigação colige materiais que utilizará nos seus trabalhos de criação.

Entre 1976 e 1977 concebe e realiza o *Trajecto de um corpo*, que mostra na galeria Quadrum, Lisboa. Nesta obra são exploradas as reminiscências do corpo relativamente aos espaços e matérias da sua realização, num duplo percurso sobre a paisagem (do mar à montanha, passando pelo espaço da arte, a galeria) e pelo próprio corpo, que atravessa uma pedra rolada pelos movimentos do tempo.

Em 1977, no ciclo de exposições individuais Spoken Space da galeria Gaetan de Genebra, mostra *Meditação e posse do espaço/paisagem como obra de arte* e participa na Alternativa Zero, exposição organizada em Lisboa por Ernesto de Sousa. Viaja pelo Brasil onde recolhe documentação fotográfica sobre a natureza.

Entre 1978 e 1981 realiza um conjunto de obras sobre a fusão do próprio corpo com a natureza: osmose e metamorfose da matéria em obra de arte. *O ribeiro, A floresta e Ainda o mar para além do labirinto. Ele mesmo/outro, Marcas do corpo apagadas pela maré, Arte corpo/Corpo arte e Corpo rio* são identidades do corpo do artista sobre a natureza, na busca da essência do estético. Todas estas obras decorrem de explorações feitas sobre a paisagem natural, cobrindo quase todo o território nacional, particularmente as serras do Gerês e de Aire.

"Afinal saí já pelo meu corpo. Corpo e mente. Unidades de corpo. Ela nele e ele por ela. Desenvolvimento para o cosmos. Sabedoria e conhecimento. Pela sabedoria o corpo é consciência de tudo na mutação de cada coisa. Pelo conhecimento ele age sobre o vertical e reafirma a acção sobre o horizontal. O vertical leva a conhecer as coisas como elas são, no entendimento e no sentido mais profundo da sua realização. O horizontal leva a conhecer tudo acerca de alguma coisa.

Pela meditação o corpo é. Por ela, ele não elabora, penetra, desvenda para além da consciência do que nele se percebe. Por ela, ele vive a sabedoria e o conhecimento nas três fases da revelação da obra. Apropriação, nominação e posse. Os três momentos da unidade. Apropriação, reflexo supremo de identificação pelo possuído. Nominação, entrega pelo entendimento da essência da coisa apropriada. Posse, descoberta do ser do artista pelo ser da obra e revelação da obra como ser." *

Em 1981 expõe na galeria Unde? de Turin o *Trajecto de um corpo*, *Sinais e sabedoria da floresta* e *Sobre o meu corpo o rasto da serpente* e na galeria Pellegrino de Bolonha *Corpo rio*.

Durante os anos de 1980 e 81 concebe e realiza *O corpo subtil* obra que se desenvolve em torno das ideias e conceitos que alimentam as suas criações: a terra, a vida, o espaço, a água, a árvore, o labirinto, a arte, o corpo, o ar, a morte, tempo e o fogo e escreve sobre as oitenta e quatro pedras os aforismos da sua reflexão, tomando assim consciência das diferenças a explorar na sua obra futura.

"Nele tudo se cria e se transforma como obra para ser possuída entre o dentro e o fora.

Ele fica sempre indiferente perante quem procure explicar o que o cerca e lhe veja somente as aparências.

Quem se procura na obra dele, pela vontade da vida, revigora-se no segredo da sua ausência e descobre-se como arte." *

Entre 1982 e 1983 realiza uma escultura em madeira *Memória de um corpo sobre a terra* e catorze desenhos sobre pedra *Os caminhos da floresta*, sobre vivências do corpo com as matérias da natureza, reflectindo nos percursos sobre a terra pelas anamneses das mãos.

"Pegar na montanha, na árvore, moldá-las em matéria arte e inscrever nela os gestos da memória do corpo sobre a terra – todos os caminhos, todas as viagens, todas as mudanças, todos os saberes, todas as inquietações... Se imagino sobre as revelações das matérias da terra, logo me habitam miríades de sensações, as que me antecederam no nascimento, as que vivi desde o primeiro gesto, as que reflecti sobre os sentidos da vida e da existência e que tornaram formas de escultura... Evoco memórias das mutações de sucessivas vivências com a matéria, tempos de anamneses transformados agora em tempos de criação, como consciência de identidade da forma/acção do corpo. Um fruto, por exemplo, com o seu cheiro/sabor, com a sua macieza, a sua cor, a sua forma particular, plenitude de sensações e de pensamento sobre elas. Entendê-lo assim e, para além das articulações lógicas, encontrar a árvore já morta dos frutos naturais e transformá-la outra vez nos frutos da sua consubstanciação, como totalidade de sensações temporais do corpo olfactivo, gustativo, táctil, visual, auditivo, em todos os movimentos e elevações do corpo subtil." *

Em 1983 viaja por Marrocos e visita o deserto.

Em 1984 viaja pela Jugoslávia, Bulgária, Turquia e Grécia.

Entre 1984 e 1990 realiza esculturas e desenhos e, no desenvolvimento de uma consciência sobre as relações do seu corpo com a natureza, explora anamneses de sensações com os elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Explora ainda os vazios entre as formas como a essencialidade das dinâmicas da espacialidade das obras e dos movimentos perceptivos do corpo, recorrendo quase sempre a uma matriz mandálica. *Percursos na paisagem*, *Variações sobre um haikai de Bashô*, *18 citações tiradas de Memória de um corpo sobre a terra*, *Tântrica*, *Ainda a Memória de um corpo sobre a terra*, *Corpo terra*, *Corpo água* ou *Mandala do fogo* são disso exemplo.

"O corpo (na unidade da sua realização: físico, mental e subtil) é a unidade de tudo, centro do universo do seu ser. É pelo seu centro que sempre saímos para a viagem no cosmos. O corpo é ele mesmo a mandala: estruturado como está para fazer a síntese de cada coisa e de tudo – o ser pelo estar ausente e sempre presente, fragmentário e uno no seu caminhar e no seu devir. A mandala é a figura dessa síntese do corpo, lugar da realização do seu ser como cosmos..." *

Em 1985 é-lhe atribuído o Prémio Nacional de Artes Plásticas pela Associação Internacional dos Críticos de Arte.

Em 1986 participa no Simpósio Internacional de Escultura Forma Viva, Kostanjevica, Eslovénia e realiza a escultura em madeira *Árvore, flor e fruto*. Viaja pela Jugoslávia, Áustria e Alemanha. Integra a exposição 11 Sculpteurs Européens, Europalia, Florença.

Em 1988 visita Nova Iorque e viaja pelos Estados Unidos. Visita Praga e Budapeste.

Em 1990 realiza duas esculturas para a cidade de Santo Tirso: *Água sobre a terra*, granito e água e *O barco, a lua e a montanha*, granito. Promove a realização dos Simpósios Internacionais de Escultura de Santo Tirso que, ao longo de vinte anos, formarão o Museu Internacional de Escultura Contemporânea desta cidade.

Em 1991 o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, e a Fundação de Serralves, Porto, organizam uma exposição antológica com obras de Alberto Carneiro de 1963 a 1990. Para o catálogo desta exposição Bernardo Pinto de Almeida escreveu o ensaio "Idade de homem".

Entre 1991 e 92 realiza 35 esculturas que constituíram a instalação *Evocações d'água* mostrada na galeria Pedro Oliveira, Porto, em 1993. Esta instalação é sobre uma árvore (um buxo secular), sobre reminiscências de água e sobre os espaços entre as esculturas.

Em 1992 realiza para as Jornadas de Arte Contemporânea do Porto a instalação *Uma árvore é uma obra de arte quando recriada em si mesma como conceito para ser metáfora* e com o mesmo título publica as "Notas para um manifesto de cada espectador". Utiliza uma grande árvore, uma fíla, que tinha sido abatida num jardim da cidade, barro com marcas do próprio corpo e espelhos com fotografias de fragmentos de paisagens naturais onde cada qual se vê árvore e corpo.

"A natureza reproduz-se pela sucessão transformadora de ciclos (os da vida e os da morte), em sequências de ritmos naturais, em articulações síncronas de espaço e de tempo. A natureza é imutável na sua mutabilidade, mesmo nos desenvolvimentos das suas catástrofes. Nela, porque a somos como própria natureza, vivemos os sentidos de caos e de cosmos, o sincrético e o diferenciado. Por ela chegámos à necessidade da arte, como meio para esconjurarmos forças obscuras e nos revermos na nossa natureza pensante, enquanto conceito e imagem, metáfora e símbolo. Arte/artifício para dilatar o tempo e dominar o espaço, perpetuar a vida e vencer a morte. Pensando a natureza na nossa interioridade abstracta, nas imagens/símbolo que ela é em nós, chegámos à realização da arte, à assunção de que o artificial é o natural do homem, a sua verdadeira natureza, A arte: sublime realização abstracta do homem. Daí a impossibilidade de lhe encontrarmos uma definição universal." *

Em 1993 realiza para a inauguração do Centro Cultural de Belém, Lisboa, a instalação *Nas margens de um rio*. Utiliza árvores de água e sete transparências de vidro, cada uma com o seu aforismo "A arte natureza da arte – A arte conceito da arte – A arte vivência da arte – A arte consciência da arte – A arte simbólica da arte – A arte paradigma da arte – A arte abstracto da arte" onde cada qual se pode reflectir como água. Realiza para a sede da Associação dos Arquitectos do Porto a escultura em granito *Sobre a água*. Recebe a Medalha de Ouro do Concelho de Santo Tirso.

Em 1993 e 1995 viaja pela Índia, Nepal, China e Japão. Nestas viagens observa e medita sobre aspectos das manifestações hinduísta, tântricas, taoista e zenista, particularmente nas representações mandálicas e nas incidências da natureza nas configurações e significado dos jardins. Sobre reminiscências destas viagens realiza, em 1994, 1995 e 1996, vinte e cinco esculturas, que mostra na galeria Pedro Oliveira, Porto, 1995, com o título *A Oriente* e uma instalação *A Oriente – na floresta de Ise Shima*, que expõe no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997.

"Não se realizará a obra de arte como um indispensável bem social entre correspondências culturais da identidade dos povos, das etnias, das civilizações e, simultaneamente, na sincrética possibilidade de ela poder responder a todos os autismos estéticos na mais retirada das manifestações pessoais de fruição? A obra de arte não tem tempo, movimenta-se no espaço da nossa consciência histórica. O tempo dela pertence a cada momento de fruição. E é no espaço simbólico que ela se autentica como referência para a nossa vivência estética." *

Em 1994 é condecorado como Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

Em 1995-96 realiza, em Gateshead, Inglaterra, no Derwenthaugh Park, como artista residente, uma escultura em pedra *The stone garden*. Concebe as esculturas em bronze *Sobre as árvores* para o Metropolitano de Lisboa – Estação da Alameda.

Em 1997-98 realiza a escultura *Sobre o mar*, granito e madeira, para a EXPO '98, Lisboa.

Em 1998 participa no Simpósio Internacional de Escultura de Quito e realiza uma escultura com árvores, pedras, terra e relva, *Mandala sobre a paisagem*, no Parque Metropolitano da região de Quito. Recebe a Condecoração Nacional de Mérito Cultural de Primeira Classe do Equador. Participa no Arco, Madrid, através da galeria Quadrado Azul, com as esculturas *Sobre os rios I*, *Sobre o fogo* e *Sobre os ventos*. Expõe dez esculturas na galeria Quadrado Azul, Porto.

"Estas esculturas revelam-se na existência do corpo sobre os elementos. Correspondem-se no amanho da terra, no cultivo do jardim, na busca de identificações do ser. São instantes de vivências de jardinagem por dentro da arte. São o chamamento que conduz à revelação, que abre o caminho para o infinito da consciência do finito. São o acontecer da fruição da obra em busca da forma que consubstancie a ideia." *

Em 1999 participa no Simpósio Internacional de Escultura de Puyo, Coreia do Sul, e realiza uma escultura em granito *Unity, love, eternity mandala*. Integra a Circa 68, exposição inaugural do Museu de Serralves, Porto.

Expõe na Diputación de Huesca *Sobre los árboles y el agua* no âmbito do evento Arte y Naturaleza. Para o catálogo desta exposição Javier Maderuelo escreveu o ensaio "Alberto Carneiro: sobre La naturaleza y el agua". Realiza a escultura *Mandala da floresta*, com árvores e calhaus rolados, para o parque Sculpture in Woodland em Devil's Glen, Ashford, Wicklow, Irlanda.

Em 2000 realiza a exposição antológica Alberto Carneiro – Arte, Corpo e Natureza no Museu Machado de Castro e Galerias do Pátio da Inquisição, Coimbra, integrada nos Encontros de Arte Alquimias – Dos Pensamentos e das Artes. Expõe na Galeria María Martín, Madrid. Na galeria Quadrado Azul mostra trabalhos *Sobre a água* no âmbito do 2º Congresso Ibérico do Planeamento e Gestão da Água. Publica o álbum "Raízes, caules, folhas, flores e frutos" com desenhos de 1965 e 1966.

Em 2001 instala a escultura *Uma coluna sem fim*, 1999-2001, madeira de tola e de ocomé, na Biblioteca Almeida Garrett, Porto. Participa na exposição Porto 60-70: Os Artistas e a Cidade no Museu de Serralves. Realiza a exposição Alberto Carneiro – Retrospectiva, no Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela. Para o catálogo desta exposição Raquel Henriques da Silva escreveu o ensaio "Alberto Carneiro: os corpos da escultura", João Fernandes escreveu "Alberto Carneiro: a evidência da natureza na construção da relação humana com o mundo" e Santiago B. Olmo "Alberto Carneiro: a natureza como vivência." Concede a escultura *A árvore da vida*, bronze, para a cidade de Chaves no âmbito da Rede de Escultura Contemporânea da Bacia Hidrográfica do Douro.

Em 2002 finaliza a escultura *Os livros da arte e da vida*, 1999-2002, granito e árvores, no jardim da biblioteca de Carrazeda de Ansiães e realiza a escultura *A mandala da arte e da árvore*, terra, pedras e árvore, 2002, na Aldeia Folclórica Coreana, Coreia do Sul. Expõe 30 desenhos, 1965-66, e 3 esculturas, 1991-2001 na Casa da Cultura da Callheta, Madeira. No Parque do Museu de Serralves, inaugura a escultura permanente *Ser árvore e arte*, árvore, terra, vidros e palavras, 2001-02. Concede o espaço/escultura *A casa da terra e do fogo*, árvores, terra, pedras, minério de ferro e aço cortene, 2002, para o Caminho das Esculturas do Vale de Ordino, Andorra. Participa na exposição Arte Internacional entre Dos Milénios, Caixanova, Vigo e Pontevedra.

Em 2003 realiza a exposição *Meu Corpo Vegetal*, na Galeria Fernando Santos, com 25 esculturas em madeira executadas entre 1997 e 2002, para cujo catálogo Fernando Francés escreveu o texto "Territorios del pensamiento". No Museu de Arte Contemporânea do Funchal mostra 20 obras – Alberto Carneiro. Exposição Antológica 1968-2003 – e na Porta 33, Funchal, cria 3 novas obras – *Os caminhos da água e do corpo sobre a terra* – e expõe desenhos e pinturas sobre papel. Para o catálogo destas exposições Alexandre Melo escreveu "O viandante esclarecido". Realiza a escultura *Art as tree/Tree as art*, árvore, terra, relva, pedras e palavras, na cidade de Taoyuan, Ilha Formosa (Taiwan).

Em 2004, com Javier Maderuelo, apresenta a sua obra na Faculdade de Belas Artes, Universidad Complutense de Madrid. No Palácio da Galeria, Tavira, mostra 20 obras – *Esculturas e Pinturas, 1978/2004* – e republica "O outro por ele mesmo".

É-lhe atribuído o Prémio Tabaqueira de Arte Pública 2004.

"A realidade criativa do artista é a de questionar as respostas da arte, no sentido de abrir a percepção para outros sentires e pensamentos do corpo. A arte é uma realidade empírica que se abre às intuições e se projecta no mundo simbólico dos seus fruidores como metáfora de uma realidade mais profunda do ser, que apenas se revela após a experiência e evidência de acto criador. Esta consciência de que a arte comunica através da metáfora e pela revelação de algo que suscita sentimentos e pensamentos que se consubstanciam no mundo do fruidor, transformando a sua sensibilidade estética e o seu entendimento artístico, é essencial para quem trabalha no campo da arte e a quer pública." *

Em 2005, no Centro Cultural de Cascais, no Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso em Amarante e na Galeria Fernando Santos no Porto realiza sucessivamente a exposição *Caminhos do Corpo sobre a Terra, 1965-2004*, com fotografia, desenho, pintura e escultura. Para o respectivo catálogo Miguel Von Hafe Pérez escreveu: "Possível impossível: olhar o dentro e o fora na obra de Alberto Carneiro" No Espaço Chiado 8 em Lisboa e na Galeria Fernando Santos no Porto mostra uma antologia, *Desenhos 1962-2004*, e para o correspondente catálogo Manuel António Pina escreveu dois poemas com o título "No atelier de Alberto Carneiro".

Recebe o Prémio da Imprensa 2004.

Em 2006, na Galeria Trinta em Santiago de Compostela, realiza a exposição Os Murmúrios da Floresta e do meu Jardim, com onze esculturas e três pinturas realizadas entre 1991-2005 e para cujo catálogo Miguel Fernandez-Cid escreveu "Mandala compostelana para Alberto Carneiro".

Nas Galerias Fernando Santos de Lisboa e Porto mostra oito esculturas e quinze desenhos com o título Ser no Não Ser. Para o catálogo desta exposição Bernardo Pinto de Almeida escreveu "Os nomes de uma obra". Em Huesca, Espanha, no Centro de Arte y Naturaleza – Fundación Beulas, realiza a exposição antológica Árboles para cujo catálogo Alberto Ruiz de Samaniego escreveu "Al otro lado de la naturaleza" e Javier Maderuelo "El árbol transformado en arte" e, no âmbito do projecto Arte y Naturaleza, inaugura a escultura *As árvores florescem em Huesca*, obra permanente na paisagem, com texto de Javier Maderuelo, "As árvores florescem em Huesca". Na Casa Municipal da Cultura de Cantanhede, realiza a exposição Paisagens Íntimas e publica o texto "O subtil na criação: o método não-método".

Realiza uma escultura *A arte sobre a vida/a vida sobre a arte* para a Cidade Empresarial de Santiago do Chile.

No Museu Municipal Abade Pedrosa de Santo Tirso expõe Paisagens Interiores, esculturas e desenhos, e no catálogo respectivo publica o texto "As dúvidas da arte em mim".

Em 2007, a Editorial Caminho publica, na colecção "Caminhos da arte portuguesa no século XX", "Alberto Carneiro – A escultura é um pensamento", de Isabel Carlos, as Edições Colibri/Instituto de História da Arte – Estudos de Arte Contemporânea/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa publicam "Alberto Carneiro: os primeiros anos (1963-1975)", de Catarina Rosendo, e a Assírio & Alvim publica "Alberto Carneiro. Das notas para um diário e outros textos. Antologia".

Recebe o Prémio de Artes Casino da Póvoa 2007, a propósito do qual a Editora Campo das Letras publica a monografia "Lição de coisas", de Bernardo Pinto de Almeida. No âmbito dos eventos deste prémio, em 2008, na Cooperativa Árvore, Porto, realiza a exposição Manifestos – Antologia Breve 1965-2005.

Participa na exposição La Construcción del Paisaje Contemporáneo, organizada por Javier Maderuelo no CDAN – Fundación Beulas, Huesca.

O Instituto Camões, Panjim, Goa, promove a exposição documental "Alberto Carneiro: um escultor em permanente osmose e diálogo com a Natureza". Esta exposição é ainda mostrada no Chowgule College de Margão.

Em 2009 realiza *A natureza da arte* para a exposição Hospitalidade, conjunto de instalações para comemorar os 50 anos do Hospital de S. João do Porto.

Concebe duas obras, *Arte e árvore para sempre* e *Arte árvore em mim/ árvore arte de mim* para Cascais Landart 2009.

Na Galeria Municipal de Matosinhos expõe "As árvores como os rios correm para o mar", esculturas e desenhos.

"A identidade é mutável. Intuí-lo e sabê-lo é ter a consciência de a não ser. Avançamos para onde? Este mistério nos prende a esse infinito que jamais explicaremos. É essa a nossa grandeza e poderá ser o nosso regozijo. O que nos liberta é a eternidade sem Deus. A nossa necessidade da arte no-lo diz. E ela nos concede, ao menos, a tranquilidade de sermos diversos para sempre".*

* Textos escritos por Alberto Carneiro entre 1965 e 2006.



Arte e árvore para sempre
Escultura, 2009



Arte e árvore para sempre
Escultura, 2009



Arte árvore em mim / Árvore arte de mim
Escultura, 2009



Arte árvore em mim / Árvore arte de mim
Escultura, 2009



Arte árvore em mim / Árvore arte de mim
Escultura, 2009



Arte árvore em mim / Árvore arte de mim
Escultura, 2009

FULTON, Hamish

Nasceu em Londres (1946)

Formação Académica:

Hammersmith College of Art; Londres; St. Martin's School of Art, Londres; Royal College of Art, Londres (1964-1969).

Caminhadas:

Inglaterra, Escócia, País de Gales, Irlanda, França, Espanha, Portugal, Itália, Suíça, Alemanha, Áustria, Países Baixos, Noruega, Lapónia, Islândia, Estados Unidos (incluindo Alasca), Canadá, México, Peru, Bolívia, Argentina, Nepal, Índia, China, Austrália, Japão e Tibete (1969-2008).

Exposições Individuais (selecção):

Galerie Konrad Fischer, Düsseldorf; Kunstmuseum, Basel; ICA, Londres; Stedelijk Museum, Amesterdão; Van Abbemuseum, Eindhoven; Kanransha, Tóquio; Fruitmarket Gallery, Edimburgo; Albright-Knox Art Gallery, Buffalo, Nova Iorque; National Gallery of Canada, Ottawa; Serpentine Gallery, Londres; Staatliche Kunsthalle, Baden-Baden; Gallery Riis, Oslo; IVAM-Centre Júlio González, Valência; Galerie Stadtpark, Krens; Missoula Art Museum, Montana; Anchorage Museum of Art and History, Alasca; Häusler Contemporary, Munique e Zurique; Galerie Tschudi, Zuoz; Maureen Paley, Londres; Museion, Bolzano; Texas Gallery, Houston; Christine Burgin, Nova Iorque; Museu de Serralves, Porto; Tate Britain, Londres; Bawag Foundation, Viena; Haus Konstruktiv, Zurique; Alessandra Bonomo, Roma; Fundación César Manrique, Lanzarote; Galeria Helga de Alvear, Madrid; Galeria Visor, Valência, MEIAC, Badajoz (1969-2008).

ARTISTA CAMINHANTE

(Entrevista concedida por Hamish Fulton por ocasião da exposição realizada em 2008 no MEIAC, Badajoz)

P: Por que razão fez uma caminhada na Extremadura?

R: Porque sou um «artista caminhante» e tenho uma exposição em Badajoz.

P: Por que razão acha necessário fazer uma caminhada para uma exposição?

R: Decidi unir-me à cidade e à região, viver a experiência da Extremadura a pé. A minha caminhada foi muito fácil de fazer. Comprei garrafas de água em estações de serviço, dormi em pensões e comi em bares e restaurantes. Não levei tenda nem saco de dormir, de modo que aproveitei para carregar apenas com uma mochila muito leve.

P: Por que razão se intitula um «artista caminhante»?

R: Porque toda a arte que faço provém exclusivamente de caminhadas. Se não fizesse primeiro uma caminhada, não seria capaz de fazer arte: é esta a regra que impus a mim mesmo. Quero fazer finca-pé na experiência física de caminhar, não como meio artístico, e por não ser um meio artístico, caminhar tem a possibilidade de se tornar público de muitas e distintas maneiras. Todas as minhas caminhadas são um comentário sobre a nossa sociedade dependente do automóvel. «Caminhar por estradas» é um acontecimento inusual num ambiente «normal».

P: Por que razão faz fotografias de estradas vazias?

R: Nesses fragmentos de segundo que tenho para fazer fotografias, não há carros (antes e depois, sim). Dito de outra maneira, não eliminei digitalmente os carros das minhas fotografias. Para mim, as estradas vazias realçam a superfície em que se caminha. Nesta caminhada em concreto pela Extremadura, no mês de Janeiro, as estradas estavam frequentemente bastante vazias. Por exemplo, no dia 21 de Janeiro caminhei de Trujillo até Madroñera, depois prossegui por uma pequena estrada até Garciaz, acabando por me dirigir para Cañamero, onde pernoitei. Esta última estrada, a CC 129, na qual caminhei ao luar, tinha muito pouco trânsito.

P: E porquê fotografias de pastores?

R: Porque em certas regiões de Espanha as únicas pessoas que encontrei a andar a pé eram pastores... Pastores solitários (suponho que não eram proprietários), um pequeno rebanho de ovelhas e dois cães.

P: Que significa o título RIO LUA RIO?

R: Fiz uma caminhada circular em Badajoz que começou e acabou na margem do rio (Guadiana). A meio da caminhada surgiu uma lua cheia muito brilhante. Quero realçar a natureza, o que, em minha opinião, é hoje em dia um acto político de capital importância.

P: Porquê tantas palavras?

R: Não ofereço o consolo da arte sem palavras num mundo já aparentemente cheio de palavras, mas as palavras são livres, podendo existir em qualquer tamanho, cor, material ou língua: escrita ou... falada.

UMA CAMINHADA É COMO UM OBJECTO INVISÍVEL NUM MUNDO COMPLEXO

Significado: a vida é uma cadeia de lutas contínuas desde a juventude até à velhice. Neste cenário de preocupação e medo podemos *construir* uma experiência – realizar uma caminhada – que ocupa um espaço das nossas vidas e, como um objecto, tem princípio e fim, mas que, ao contrário de um objecto, não se pode ver.

AS CAMINHADAS SÃO AS PEDRAS QUE MARCAM OS QUILÓMETROS DA MINHA VIDA.*

* Texto reproduzido do catálogo *Río Luna Río* por cortesia de Hamish Fulton e Fundación Ortega Muñoz.



Toledo no horizonte
Fotografía (1989-2005)



Som das ondas
Fotografía (2006)

VÍA DE LA PLATA

A photograph of a dirt road in a rural landscape. The road is the central focus, leading towards a horizon with hills. There are several large, leafy trees on either side of the road. The sky is overcast with grey clouds. The overall tone is somewhat somber and naturalistic.

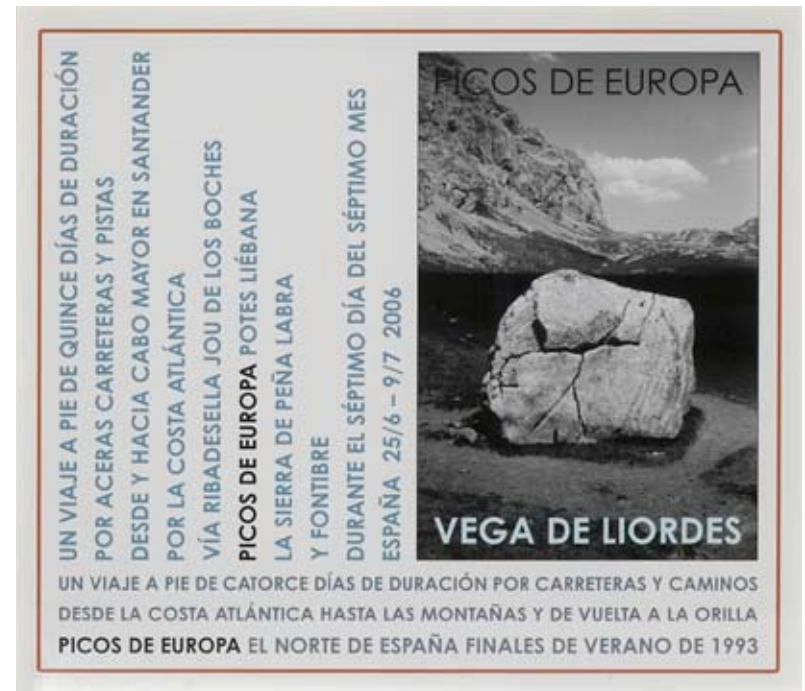
UNA CAMINATA CIRCULAR DE VEINTIÚN DÍAS EN EXTREMADURA DESDE Y HACIA EL RÍO GUADIANA EN BADAJOZ
VÍA GUADALUPE CON LOS PIES DESCALZOS CONTANDO CUARENTA Y NUEVE PASOS SOBRE UN SUELO EMPEDRADO
DURANTE LA NOCHE DE LA LUNA LLENA DE ENERO
ESPAÑA OCTAVO AÑO DEL SIGLO VEINTIUNO

KOSTALDETIK KOSTALDERA EGINDAKO 2838 KILOMETROKO
IBILALDIA OINEZ ERREPIDEETAN ESPALOIETAN
BIDEZIDORRETAN ETA TXIRRINDU BIDEETAN ZEHAR **BILBO**TIK
ROTTERDAMERA ABIAPUNTUA IBAIZABALEN BOKALEAN
SEGIDAN TOMA AINTZIRA RHIN IBAIAREN SORBURUETAKO
BAT ALPEETAN IBAI HARI JARRAITUZ IPAR ITSASORANTZ
AMAIERA HOEK VAN HOLLAND HERRIAN ESPAINIA FRANTZIA
SUITZA ALEMANIA HERBEHEREAK 2002KO IRAILAREN 11TIK
AZAROAREN 14RA **28 EGUNeko Ibilaldia oinez Iberiar**
penintsulako hego kostaldetik ipar kostalderaino
abiapuntua Guadalquivir ibaiaren bokalean
Cadizko golkoan amaiera Ibaizabalen bokalean
BILBO ONDOAN 2003KO IRAILAREN 17TIK URRIAREN 14RA

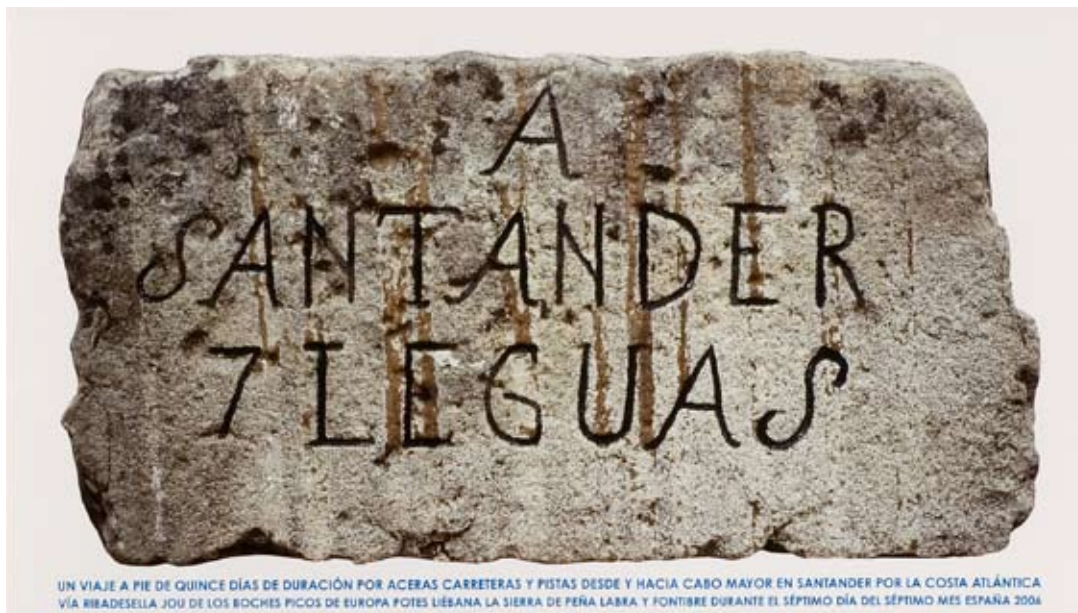
UMA CAMINHADA DE 43 DIAS DE COSTA A COSTA POR
ESTRADAS CALÇADAS E CAMINHOS QUE COMEÇA NA
FOZ DO RIO DOURO NO **PORTO** E TERMINA PELO
SOLSTÍCIO DE VERÃO NO DELTA DO RIO EBRO NA
CATALUNHA PORTUGAL ESPANHA PIRINÉUS BASCOS
FRANÇA 2001 UMA CAMINHADA DE 1055 QUILÓMETROS
POR ESTRADAS DE COSTA A COSTA ATRAVÉS DE
ESPANHA E PORTUGAL 2004 DO MAR MEDITERRÂNEO
AO OCEANO ATLÂNTICO INÍCIO EM 10 DE JULHO
SÁBADO ÀS 09:05 CHEGADA AO **PORTO** JUNTO À FOZ
DO RIO DOURO EM 30 DE JULHO SEXTA – FEIRA ÀS 10:40



16 Enero
 Fotografía (2005)



Vega de Llordes
 Fotografía (1993 + 2006)



7 léguas até Santander
 Fotografía (2006)



CAMINATA A PASO LENTO

20 PERSONAS CAMINANDO EN SILENCIO

POR LA ACERA ALREDEDOR DE PLAÇA DEL MIRACLE DEL MOCADORET

CAMINANDO HACIA EL ESTE DURANTE 15 MINUTOS

CAMINANDO HACIA EL SUR DURANTE 15 MINUTOS

CAMINANDO HACIA EL OESTE DURANTE 15 MINUTOS

CAMINANDO HACIA EL NORTE DURANTE 15 MINUTOS

DESDE LAS 11H HASTA LAS 12H DE LA MAÑANA COMENZANDO CON UN ORO Y TERMINANDO CON EL REPICAR DE LAS CAMPANAS DE LA CATEDRAL DE VALENCIA Y TORRE SANTA CATALINA

VALENCIA ESPAÑA 9 DE ENERO 2008

Una hora
Fotografía (2008)

7
7 JORNADAS DE CAMINATA A TRAVÉS DE LA CUMBRE DEL MULHACÉN
SIERRA NEVADA ESPAÑA INVIERNO 1992

14
UN VIAJE A PIE DE 14 DÍAS
POR CARRETERAS Y CAMINOS
DESDE LA COSTA ATLÁNTICA HASTA ARRIBA EN LAS MONTAÑAS
Y VOLVER A BAJAR HASTA EL BORDE DE LAS AGUAS
NORTE DE ESPAÑA FINALES DEL VERANO 1993

21
UN VIAJE A PIE DE 21 DÍAS POR CARRETERA
DESDE LA COSTA NORTE A LA COSTA SUR DE ESPAÑA
DE RIBADESELLA A MÁLAGA INVIERNO 1990

28
UN VIAJE A PIE DE 28 DÍAS POR CARRETERA
DESDE LA COSTA SUR A LA COSTA NORTE DE ESPAÑA
PARTIENDO DE LA DESEMBOCADURA DEL RÍO GUADALQUIVIR
EN EL GOLFO DE CÁDIZ
ACABANDO EN LA DESEMBOCADURA DEL RÍO NERVIÓN CERCA DE BILBAO
17 SEPTIEMBRE - 14 OCTUBRE 2003

7 14 21 28
Fotografía (1990-2003)

UNA CAMINATA DE UN MINUTO
POR LA ACERA ALREDEDOR DE PLAÇA DEL MIRACLE DEL MOCADORET

CAMINANDO HACIA EL ESTE DURANTE 15 SEGUNDOS

CAMINANDO HACIA EL SUR DURANTE 15 SEGUNDOS

CAMINANDO HACIA EL OESTE DURANTE 15 SEGUNDOS

CAMINANDO HACIA EL NORTE DURANTE 15 SEGUNDOS

VALENCIA ESPAÑA 11 DE ENERO 2008

Un minuto
Fotografía (2008)



O Sangue dos Cães
 Fotografia (2003)



Cañada Cáceres
 Fotografia (2005)

VÍA GUADALUPE CON LOS PIES DESCALZOS CONTANDO CUARENTA Y NUEVE PASOS SOBRE UN SUELO EMPEDRADO DURANTE LA NOCHE DE LA LUNA LLENA DE ENERO

ESPAÑA OCTAVO AÑO DEL SIGLO VEINTIUNO



ETIQUETAS DE BOTELLAS DE AGUA DE PLÁSTICO



Um Pastor
Fotografía (2005)



Salomon
Fotografía (2003)



Pegadas na Areia
Fotografía (2004)

HR
Hostal - Residencia
LA CONFIANZA
 José A. Castaño Armela
 D. N.º 92.044.807-1

Emilia Cantel, 9
 Teléfono: 960.00.00
 03600 NOVELDA (Alicante)

Nº 00255
 Habitación núm. 104
 2

Sr. D. BARBARA HAMILTON P^{te} m 44652 y Richard Long P^{te} 9464562
 Domicilio: London

A) SERVICIOS ORDINARIOS

Mes de	Pequeño	Pequeño	Pequeño	Pequeño	Pequeño	Pequeño	Pequeño	TOTALES
Febr de 1989	2.600							2.600
Habitación								
Desayuno								
Total del día pta.								
Suma anterior								
Total serv. ordinarios								2.600

B) OTROS SERVICIOS

Cervezas-Cacahuetas								
Agua mineral	UN VIAJE A PIE POR CARRETERA DE							
Baños	VEINTE DÍAS Y MEDIO							
Limpieza ropa	DE COSTA A COSTA							
Confiterías	CRUZANDO PORTUGAL Y ESPAÑA							
	DEL OCEANO ATLANTICO AL MAR MEDITERRANEO							
	PRINCIPIOS DE 1989							
25 % S. Cadenencias								
Total de día pta.								
Suma anterior								
Total otros servicios								

Servicio e impuesto incluido (SERVICE CHARGE AND TAXES INCLUDED)
 (SERVICIO E IMPUESTO COMPRENSO) (BEDENUNTERZUCHUNG UND ABSCHLUSSPROGRAMME)

Suma 2.600
 I.V.A. 6% 156
Total a abonar por el cliente 2.756

J. Armela

La Confianza
 Fotografía (1989)

NIEVE DE MONTAÑA
 LLUVIA DE COLINA
 UN VIAJE DE 7 DÍAS A PIE
 PIRINEOS CENTRALES FRANCIA ESPAÑA
 30 SEPTIEMBRE - 6 OCTUBRE 1992
 RÍO TURBIO Y VELOZ
 EL SONIDO DE LAS ROCAS

Río turvo e veloz
 Fotografía (1992)



Peño
 Fotografía (2005)

NEVES, Susana

Nasceu em Lisboa, em 1969.

Licenciada em Ciências da Comunicação, na especialidade de cinema, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL. Estudou pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes e ilustração no Ar.Co.

Desde 1994, é jornalista de investigação na área cultural, colabora com a revista "Paralelo", Fundação Luso-Americana, revista "LER" e jornal Público, assinando crítica literária e reportagem. Desde 2007, é autora da crónica mensal "A Casa na Árvore" (Tempo Livre, INATEL), escreve histórias de árvores.

É autora das biografias de Eduardo Nery (Culturgest/Fundação Calouste Gulbenkian, 1997) e de Fernando Assis Pacheco (revista *Espacio* Espaço Escrito, Espanha, 1998), bem como de vários contos publicados em revistas literárias, entre elas, "A PHALA" (Assírio&Alvim), "Boca do Inferno", Câmara Municipal de Cascais e "Bíblia".

Colaboradora da Fundação Calouste Gulbenkian desde 1998, investiga e tem divulgado a Colecção do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão (CAMJAP); em paralelo desenvolveu vários projectos pioneiros a nível da educação pela arte. Em 2003, co-organizou e apresentou no CAMJAP, o ciclo de conferências sobre Arte e Botânica, a partir do qual concebeu e leccionou, em 2006, uma disciplina dedicada a esta temática, na Pós-Graduação em Artes e Programação Cultural, Instituto Superior D. Afonso III, Algarve.

Coordenadora da exposição *Hors-Texte*, realizada em Frankfurt, 1997, ano em Portugal foi o País tema da Feira Internacional do Livro, assinou o texto do catálogo.

A partir de 2005, começa a expor desenho, escultura, pintura e fotografia.

Exposições Individuais:

2008 - National Cartographic Magazine – Fotografia, Galeria Diferença, Lisboa; 2007 - Viagem ao Pólen Sul – Fotografia, Nouvelle Librairie Française, Instituto Franco-Português, Lisboa; 2006 - Um Barco na Ponta da Língua – pintura, Galeria Gomes Alves, Guimarães | O Grande Descobridor de Pinguins – pintura, Centro Cultural de Cascais; 2005 - A Noiva do Campo Mil – desenho e escultura, Galeria Diferença (Apoio Fundação Calouste Gulbenkian)

Exposições Colectivas:

2007 - Black and White, Galeria Diferença, Lisboa; 2006 - Dez Anos Depois - Colecção da Fundação D. Luís, Centro Cultural de Cascais | Papéis – Galeria Diferença | Diferenças – Galeria Diferença; 2005 - Feira de Arte Contemporânea de Lisboa, FAC 2005 (Galeria Diferença) | Representada na Colecção de Arte da Fundação D. Luís I e em outras colecções particulares.

A semente interminável

Decorrida boa parte da vida a comer maçãs, aconteceu o inevitável, ou melhor dito, o *in-Eva-vitável*: transformei-me numa macieira. Podia ter-me limitado a esta singular identidade, mas o bosque chamava-me. Agora, ao invés de ser "mulher de armas" procuro dar um sentido novo à expressão "mulher de árvores": um espírito viril e determinado não combate, oxigena – *viriditas*.

Nunca poderia fotografar árvores sem me entregar ao seu apelo. Sem roteiro botânico pré-estabelecido, evitando qualquer tipo de xenofobia ou preconceito arbóreo, tal como o ódio silvícola ao eucalipto ou às acácias, nunca escolhi os espécimes a fotografar, fui antes cativada pela sua fotogenia e poder metamórfico.

Vivi dentro da ondulada cabeleira de uma magnólia centenária do Parque de Monserrate. No bosque em Cascais, numa *féerie* anti-minimalista pós-abstracta, elevei-me nos ramos contorcidos dos carvalhos roble e negral — pura escrita evocando a simbologia céltica, os ideogramas iniciáticos ou a linguagem eremita das coronárias.

Glorioso o tulipeiro da Virgínia, no Parque da Pena. Num final de tarde, envolto em plumas de "fetos cabrinha" parecia estar de saída para um baile subtilmente subversivo, organizado por D. Fernando II e a Condessa d'Edla.

Privilégio maior conhecer o castanheiro multissecular do Caminho dos Frades, sentar-me ao pé desta árvore que nunca acaba e parece correr ao lado do vento.

Divertida cumplicidade com um plátano, não muito longe da Quinta da Regaleira, cuja folha suspensa num invisível fio de aranha, atingida por um foco de luz natural, recordava esta espécie como a árvore europeia da sombra e ao mesmo lembrava os herbários de sombras de Anna Atkins nos primórdios da fotografia.

Inesperada baga vermelha de gilbardeira ou "erva-do-vasculho", de um vermelho lúdico, nascida a partir de uma folha falsa, verdadeiro tesouro, símbolo da vocação experimentalista da natureza.

De Junho de 2008 a Janeiro de 2009, muitas foram as viagens e inúmeras as espécies vegetais conhecidas, sempre a amadurem a cada novo encontro, em função da luz e do seu ciclo de vida.

Oscar Wilde defendia que «a natureza imita a arte», eu defendo que, às vezes, a arte irrita a natureza de modo positivo: ao entrar na essência e imaginário de cada árvore pode-se identificar a matriz criativa de grandes artistas do Ocidente e do Oriente, a origem das escritas, das fábulas e das mitologias fundadoras.

A *Land Art* do princípio do século XXI beneficia de um banco de imagens gigantesco mas a natureza em estado selvagem é cada vez mais rara.

Partilhando com os pioneiros deste movimento o princípio da marcha como instrumento primordial de criação, o meu trabalho não pretende, contudo, intervir nem interferir na paisagem; nasce antes do desejo que a natureza se torne escrita interior e possa reescrever o nosso estar no mundo.

Susana Neves
Lisboa, 24 de Janeiro de 2009



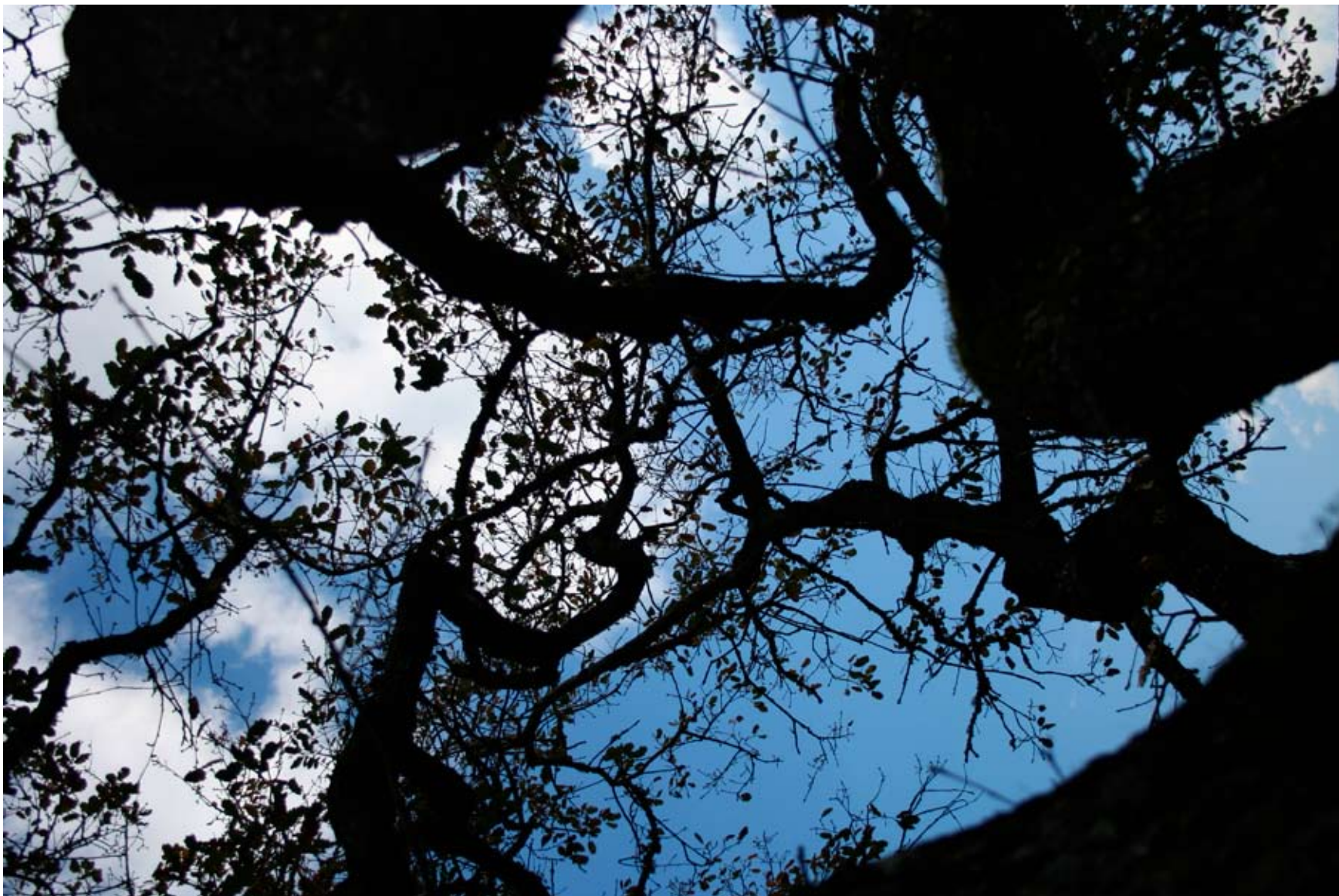
O assalto do leque
(Plátano, Sintra) 2008
Fotografia digital impressa em papel
fotográfico
Edição: 1/4
38x25 cm



O espelho solúvel
(Gilbardeira, Cascais) 2009
Fotografia digital impressa em papel fotográfico
Edição: 1/4
25x38 cm



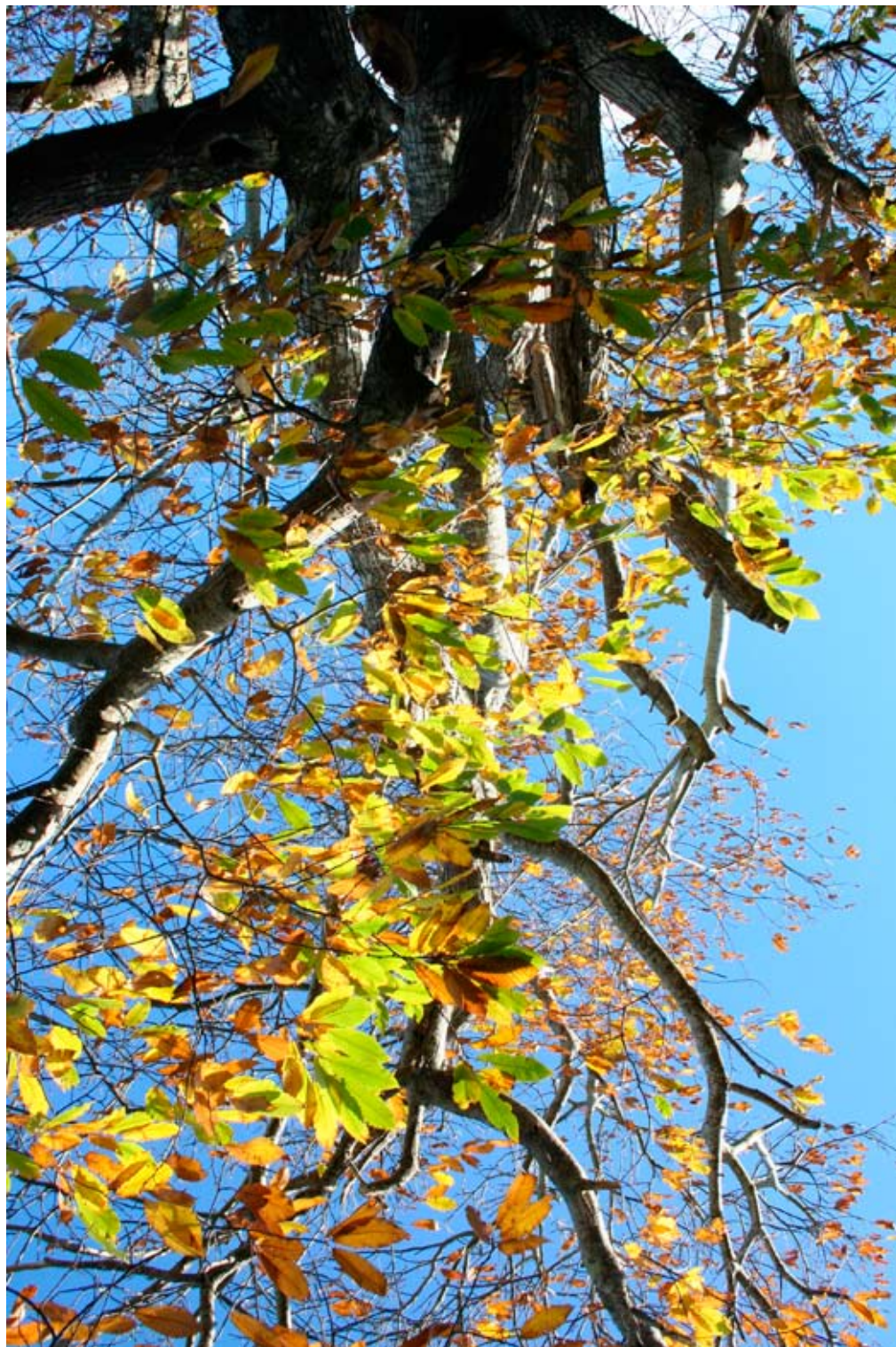
O fauno recortado
[Carvalho roble e fetos cabrinha, Sintra] 2008
Fotografia digital impressa em papel fotográfico
Edição: 1/4
25x38 cm



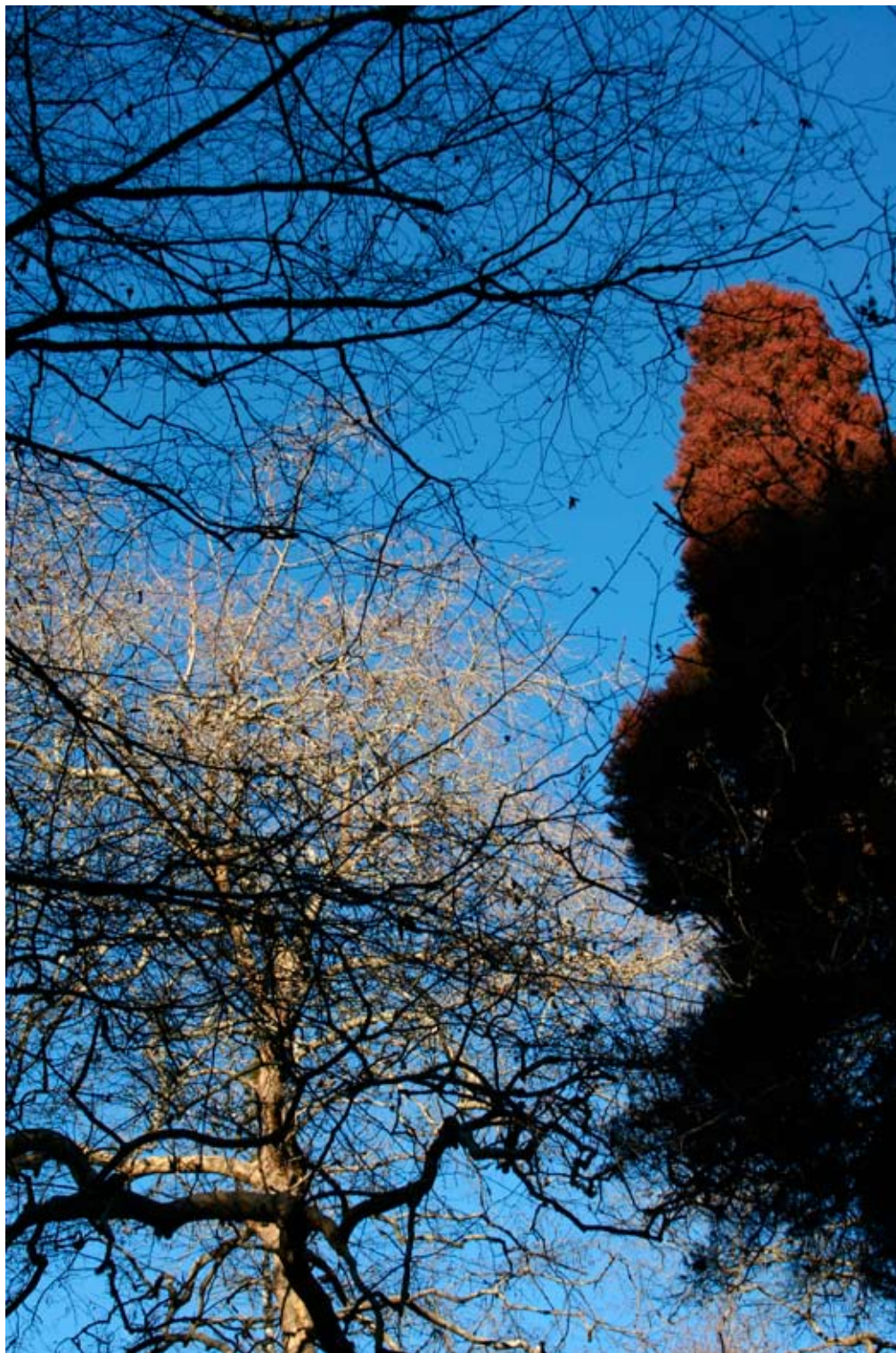
Fogo verde
(Carvalho roble, Cascais) 2009
Fotografia digital impressa em papel fotográfico
Edição: 1/4
25x38 cm



O livro do índio holandês
(Magnólia de Monserrate, Sintra) 2008
Fotografia digital impressa em papel fotográfico
Edição: 1/4
38x25 cm



A árvore que nunca acaba
(Castanheiro, Sintra) 2008
Fotografia digital impressa em papel
fotográfico
Edição: 1/4
38x25 cm



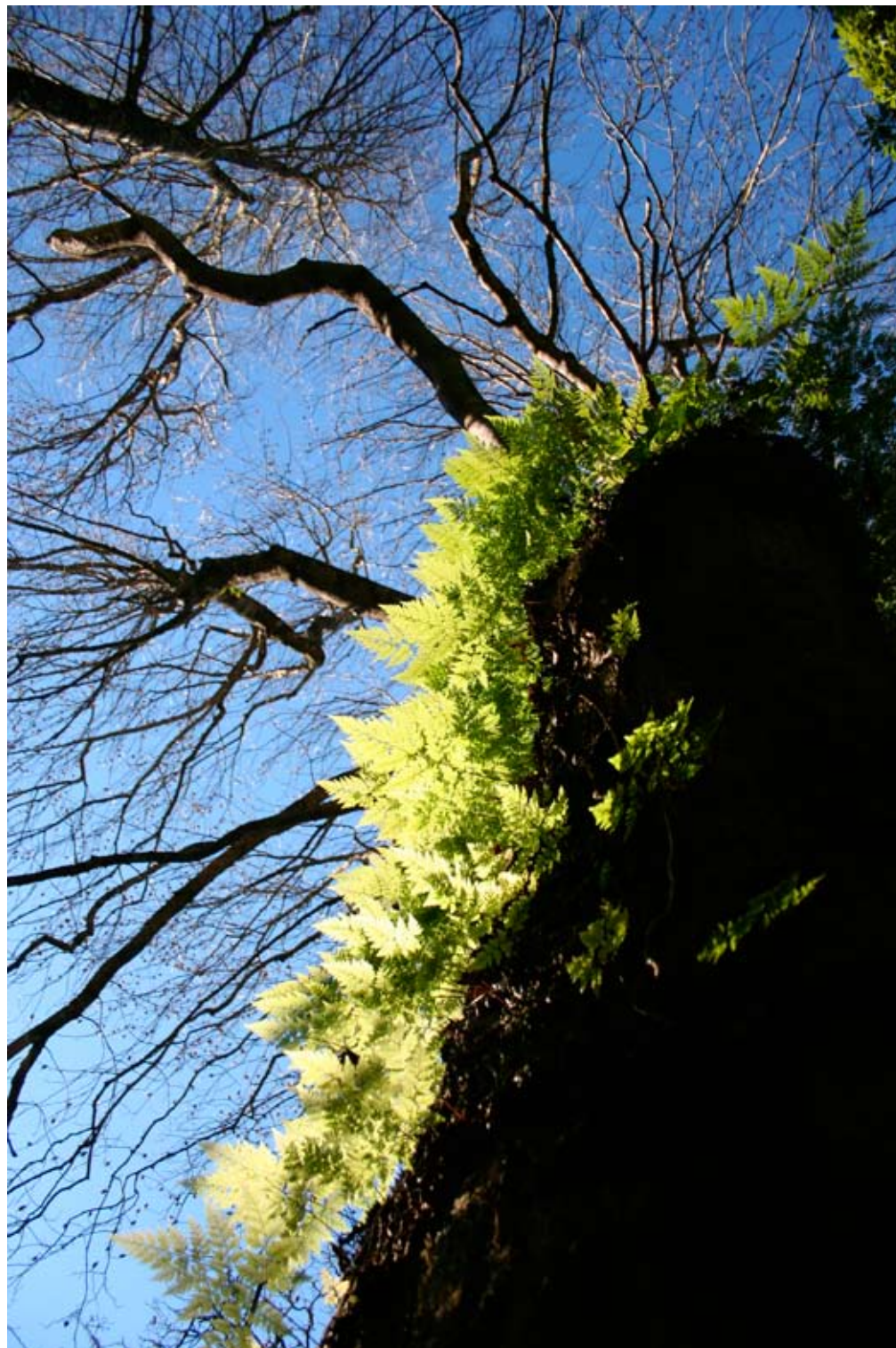
A borboleta infame
(Parque da Pena, Sintra) 2008
Fotografia digital impressa em
papel fotográfico
Edição: 1/4
38x25 cm



A canoa dos 40 veados
(Tulipeiro da Virgínia, Sintra) 2008
Fotografia digital impressa em papel fotográfico
Edição: 1/4
25x38 cm



Os grandes voadores
(Tulpeiro da Virgínia, Sintra) 2008
Fotografia digital impressa em papel
fotográfico
Edição: 1/4
38x25 cm



Nuvem de peixes
(Tulpeiro da Virgínia, Parque da Pena) 2008
Fotografia digital impressa em papel
fotográfico
Edição: 1/4
38x25 cm

Catálogo

Produção
Câmara Municipal de Cascais
Fundação D. Luís I

Textos
António d'Orey Capucho
Carlos Carreiras
Luísa Soares de Oliveira
Alberto Carneiro
Hamish Fulton
Susana Neves

Fotografia
Hamish Fulton
Susana Neves
Valter Vinagre

Concepção
Fundação D. Luís I
Nuno Lemos
Rita Ribeiro da Silva

Impressão
Grafilinha

ISBN
978-972-8986-25-4

Dep. Legal
290 287/09

Exposição

Produção
Câmara Municipal de Cascais
Fundação D. Luís I
Agência Cascais Natura

Comissariado
Luísa Soares de Oliveira

Montagem
Câmara Municipal de Cascais
Fundação D. Luís I

7 de Março a 30 de Abril de 2009

land Art Cascais

uma iniciativa:



com o apoio:



com o patrocínio:



Alberto CARNEIRO - Hamish FULTON - Susana NEVES

2009
bpra

Ar

Cascas